

Caros colegas, sejam todos bem-vindos ao 10º Simpósio Brasileiro de Hansenologia!

Um ano se passou desde o nosso memorável Congresso dos 70 anos da Sociedade Brasileira de Hansenologia (SBH), em Palmas, capital do Tocantins. Somos uma sociedade madura, porém, de alma jovem, atuante e questionadora, que aos 71 anos resolve trazer para o Recife, capital do estado de Pernambuco, um dos estados mais importantes na epidemiologia da hanseníase no Brasil, o 10º Simpósio Brasileiro de Hansenologia.

Uma vez escolhido o local, começamos a pensar no tema do simpósio. Poderíamos priorizar a gravíssima situação de aumento no número de cepas resistentes aos antibióticos da poliquimioterapia, já em sua longa trajetória de confronto com o *Mycobacterium leprae*, ou a falta de acesso dos pacientes a reabilitação como um todo, física, mental e espiritual, holística, que proporcione dignidade ao ser humano. Resolvemos enfatizar mais uma vez no diagnóstico precoce, prevenção e quebra da cadeia de transmissão, em razão da gigantesca endemia oculta mundial que estamos vivenciando há alguns anos. Como juntar tudo isso em um tema só? Teríamos que chamar a atenção para um dos pilares da hanseníase, a razão das incapacidades físicas e de todo o estigma e preconceito: a invasão do *M. leprae* ao sistema nervoso periférico, com a conseqüente degeneração neural, em uma doença de um grande apelo visual, com suas exuberantes e muitas vezes desfigurantes lesões da pele. A hanseníase é uma doença que se inicia nos nervos, uma doença primariamente neural.

E temos cada vez mais ferramentas para avaliar esse dano causado ao nervo, mesmo antes de surgirem as clássicas lesões da pele. Eletroneuromiografia e ultrassom, sorologia e biologia molecular já nos auxiliam a definir melhor os casos. A questão já nem é mais se estas ferramentas são importantes, a questão é como fazer com que cheguem a quem mais precisa, nos bolsões de pobreza, nos agregados urbanos, nos rincões rurais deste país e mundo afora.

Tudo isso aliado à clínica. Descemos um andar. Já não podemos mais depender somente de diagnósticos visuais. Slides apenas não nos servem mais. É necessário tocar nos pacientes, como sempre fizeram os bons hansenólogos do passado. Sentir o nervo, testar a força e a sensibilidade com todos os instrumentos disponíveis, do algodão aos monofilamentos.

Quem um dia disse que hanseníase é fácil de diagnosticar nunca conversou com um paciente, nunca palpou um nervo periférico ou muito menos avaliou a sensibilidade de um dermatomo, e ficou na dúvida. Discutam, questionem, duvidem, mas saibam ouvir, construam, estendam as mãos. Assim funciona a ciência. Só assim conseguiremos avançar rumo à verdadeira eliminação da hanseníase, único caminho possível para também eliminar o estigma e o preconceito.

Um bom simpósio a todos!

Claudio Guedes Salgado

Presidente da Sociedade Brasileira de Hansenologia e do 10º Simpósio Brasileiro de Hansenologia.